



“Tia” ou “Tio”: descaracterização da função docente

20/08/2018 - Em [Artigos](#)

Blog da Reitoria nº 357, de 20 de agosto de 2018

Por Prof. Paulo Cardim

“Ensinar exige rigorosidade metódica” (Paulo Freire)
“Avaliar também” (Paulo Cardim)

Segundo diversos historiadores da educação brasileira, a figura da “tia” está ligada aos primórdios da educação no Brasil, a partir do século 19.

É um “vício” que nasceu nas creches e pré-escolas ou educação infantil. Crianças até seis anos de idade são entregues, pelas mães, as professoras, nessas escolas ou creches, que sentem nesse ambiente a extensão do lar e a mestra ou mestre como “tia” ou “tio”. No início era um hábito comum, sem qualquer conotação de desvio de função da professora ou do professor. Com o passar do tempo, todavia, esse tratamento foi sendo levado para a educação fundamental, comprometendo a profissionalização do professor.

Alguns especialistas entendem nesse ato uma demonstração de proximidade entre a criança e a professora e o professor, mas a maioria entende que esse costume revela um sério desvirtuamento da função do profissional da educação.

A psicóloga Flávia Vivaldi, mestre em Psicologia da Educação, Pesquisa e Formação, esclarece que “os pais e responsáveis dos pequeninos acreditam, de fato, que a Educação Infantil deve ser um espaço de continuidade da própria casa, onde as crianças sejam **cuidadas**, possam **conviver** com outras crianças e **se sentir felizes e seguras**. Sendo assim, a figura do adulto responsável por promover e garantir tais condições é realmente próxima da figura de uma “tia”, preferencialmente daquela que mesmo não tendo se casado e tido filhos, adora crianças e, fará de tudo para “adoçar” o mundo de seus alunos. Além de ser um grande e desrespeitoso equívoco quanto ao papel do educador, essa crença

apresenta resquícios de uma concepção de Educação Infantil já superada”.
(Negritos no original)

O Prof. Maurício Apolinário, autor do livro *A arte da guerra para professores*, entende ser um “ato falho na escola” e afirma que as escolas que adotam e permitem o tratamento de professoras pelas crianças por “tias”, cometem “um erro enorme, (que) prejudica o desenvolvimento da maturidade dos alunos, cria um vínculo entre professora e aluno que não contribui em nada com o ensino-aprendizagem, além de fazer com que as educadoras percam a referência do nome e o seu valor como pessoa”.

Na minha opinião quem criou ou permitiu esse tratamento familiar nas escolas deve ter tido por intenção dar um sentido carinhoso e íntimo numa relação com característica familiar, o que para mim é também mais um absurdo. Entendo que numa relação de aprendizagem o excesso de intimidade desqualifica o professor desde os primeiros anos da educação de uma criança.

Entendo, também, que esse excesso de intimidade colaborou ou foi uma das razões por que a disciplina e a hierarquia vieram pouco a pouco a ser desqualificadas no processo de aprendizagem.

Essa intimidade do professor ou professora ser chamado (a) de “tia” ou “tio”, se guardadas as devidas proporções, quando o aluno chegar ao ensino superior esses professores e professoras poderão ser chamados de irmãos e irmãs...

“É mais fácil governar um povo culto, cioso de suas prerrogativas e direitos, que tem nítida a compreensão de seus deveres, que um povo ignaro, indócil, sem iniciativa e inimigo do progresso”.

“O papel da instrução é preparar e formar homens capazes e úteis à sociedade; o papel do governo é fornecer meios fáceis de se adquirir a instrução, disseminando escolas e patrocinando iniciativas boas confiadas à competência e ao amor de quem promove tão nobilitante tarefa”.

Prof. Carlos Alberto Gomes Cardim

Diretor da Escola Normal Caetano de Campos

Educador e Inspetor de Alunos, 1909

Irmão do fundador do

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Pedro Augusto Gomes Cardim